

GILBERTO FREYRE, ORIENTADOR E DIRETOR DO CRPE DO RECIFE

Maria Graziela Peregrino

A iniciativa de Anísio Teixeira de dotar o Recife, em 1957, de um Centro Regional de Pesquisas Educacionais, filiado ao INEP, foi uma das mais arrojadas, em matéria de uma política de pesquisa em nível de região e, também, de uma política educacional para o Brasil.

De fato, levando em consideração as precárias condições de funcionamento, no Brasil, e no Nordeste, de modo particular, das instituições de ensino e de pesquisa social existentes no final da década de 50, parecia mais tratar-se de aventura quixotesca do que de um planejamento racional, a disposição de criar um Centro que, em uma região pobre e cheia de problemas, pudesse deflagrar um processo de elaboração de pesquisas sócio-educacionais, completando-se, em debates e publicações, treinamento e formação de professores e de pesquisadores sociais.

Houve, evidentemente, precedendo aquela iniciativa de Anísio Teixeira, então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, uma série de providências e entendimentos em nível ministerial, os quais culminaram na emissão do Decreto Federal nº 38.460, de 28.12.1955, em virtude do qual foram instituídos o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, no Rio de Janeiro, e os Centros Regionais, entre os quais figurava o do Recife, irradiando sua atuação pelos demais Estados do Nordeste.

Os objetivos dos Centros de Pesquisas eram bastante ambiciosos e abrangentes, podendo ser indicados, conforme o estatuto legal que os delineou, nos seguintes tópicos:

- I – pesquisa das condições culturais e escolares e das tendências de desenvolvimento de cada região e da sociedade brasileira como um todo, para o efeito de conseguir-se a elaboração gradual de uma política educacional para o país;
- II – elaboração de planos, recomendações e sugestões para revisão e reconstrução educacional – em cada região – nos níveis primário, médio e superior e no setor de educação dos adultos;
- III – elaboração de livros de fontes e textos, preparo de material de ensino, estudos especiais sobre administração escolar, currículos, psicologia educacional, filosofia da educação, medidas escolares, formação de mestres e sobre quaisquer outros temas que concorram para o aperfeiçoamento do magistério nacional;
- IV – treinamento e aperfeiçoamento de administradores escolares orientadores educacionais, especialistas de educação e professores de escolas normais e primárias.

No dia 19 de outubro de 1957, Gilberto Freyre foi nomeado Diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, pela portaria nº 374, do Diretor do INEP, Anísio Teixeira.

A solenidade de posse do Diretor e de inauguração do novo Centro ocorreu na sede do então Instituto Joaquim Nabuco, que havia cedido parte das suas instalações para o funcionamento inicial do CRPE, graças aos entendimentos havidos entre Gilberto Freyre e o diretor do NABUCO, escritor Mauro Mota.

Seja lembrado, neste breve retrospecto, que o diretor do INEP, Anísio Teixeira, havia feito diversas gestões junto ao seu amigo Gilberto Freyre, tentando convencê-lo a dirigir o novo Centro, e, somente a muito custo, conseguiu demovê-lo das resistências iniciais, pois não o interessava aquela função pública. Daí o registro existente nos documentos iniciais referentes ao CRPE, que se transcreve, a seguir, o qual menciona que o sociólogo Gilberto Freyre "havia accedido ao convite do Professor Anísio Teixeira para orientar e dirigir o novo Centro".¹

Gilberto Freyre discutiu e argumentou bastante com Anísio Teixeira, antes de aceitar o convite para ser diretor do CRPE do Recife.

A simples leitura da citação não dá a dimensão do fato, exceto para quem conheceu, de perto, a situação como se verificou, através de marchas e contramarchas. Gilberto Freyre discutiu a forma de dirigir o Centro e impôs condições-verdade a ser dita, para que haja fidelidade aos fatos. Ele, Gilberto Freyre, não era nenhum burocrata, nem mesmo intelectual burocrata. Nem um mero administrador público. A idéia de sua independência intelectual de escritor prevalecia sobre qualquer título. Não estava pedindo o cargo de Diretor: aceitava, mediante condições, o convite formulado pelo seu amigo de mocidade e de estudos nos Estados Unidos, mas não iria ser um executor de ordens do MEC. Fazia questão cerrada de sua condição de escritor independente, livre para discordar ou criticar e, principalmente, dispor de tempo para refletir e escrever os seus livros e os seus artigos. E, ainda, viajar ao exterior, para proferir suas conferências em Universidades e Centros de pesquisas, onde seus trabalhos pioneiros de antropologia e de sociologia estavam sendo analisados por eminentes professores universitários.

A frase, antes transcrita, de que Gilberto Freyre iria "orientar e dirigir" o novo Centro (embora aparentemente não pareça ter um grande significado, sobretudo para o leitor que não conheceu, de perto, os primórdios do CRPE do Recife) teve um sentido profundamente inovador e até, diria, contestatário.

Gilberto Freyre não se amoldava aos formalismos administrativos do MEC e, sobretudo, do DASP, ao qual ele, ironicamente, se referia, em conversas informais com os seus amigos e colaboradores.

Prezava, de tal modo, a sua independência de escritor, que não admitia ser cerceado, na sua criatividade, nem pelo excesso da burocracia oficial, nem pela estreiteza da "mentalidade daspiana".

A altivez de intelectual de Gilberto Freyre, perante o INEP, marcou, profundamente, os primórdios do Centro, e quem trabalhou com ele, naquela fase de implantação do CRPE presenciou, diversas vezes, atitudes de crítica e até de rebeldia em face de exigências ministeriais. Também o incomodava a constante falta de verbas para dar início aos trabalhos específicos da entidade. Todavia, no início de 1960, com a proposta de Anísio Teixeira, de dotar o CRPE de uma moderna Escola Experimental (para o nível primário), que fosse, ao mesmo tempo, laboratório de pesquisas socioeducacionais e local de estágio para treinamento de professores, tanto de Pernambuco, como de bolsistas de outros Estados, foi um alento novo na administração do Centro. As verbas, também, seriam concedidas, com menos restrições, pelo MEC, para os objetivos da construção.

Gilberto Freyre passou a empolgar-se com o projeto do seu grande amigo, Anísio Teixeira, a quem tanto prezava, destacando a inteligência extraordinariamente lúcida e criativa do educador baiano, o qual ia construir, no Recife, uma modelar Escola pública, para crianças do bairro de Apipucos.

Foi uma fase importante na vida do escritor Gilberto Freyre, que, em contato com os problemas da construção do prédio da escola Experimental, da Biblioteca e do Auditório, se revelou mais do que um mero diretor da entidade federal.

Sua capacidade de crítica social passou a se exercer, no novo campo da sua atuação, tendo, diversas vezes, discutido com o arquiteto Luiz Accioli, autor do projeto, e com os engenheiros executores da obra, Pereira Borges e Murilo Paraíso, sobre detalhes que considerava relevantes.

Recordo-me de uma exigência de Gilberto Freyre acerca do 1º andar do prédio da Escola Experimental, referente a elementos vazados no corredor de acesso às salas de aula das crianças.

Gilberto Freyre discutiu com o arquiteto e acabou vencendo, com argumentos sucessivos, que as crianças da futura Escola não poderiam correr o risco de quedas e acidentes, quando tentassem escorregar pelas aberturas entre o piso do corredor e a parede. Luiz Accioli terminou aceitando as ponderações do sociólogo, que, naquela época, evidentemente, já se preocupava com os temas da Engenharia Social. E, assim, Luiz Accioli mandou fechar as aberturas, dando maior segurança à futura clientela da Escola Experimental.

Outros detalhes importantes, que Gilberto Freyre discutiu com os técnicos da obra de engenharia, diziam respeito ao conforto do leitor no salão principal da biblioteca, à luminosidade necessária à leitura, e, com referência ao Audi-

tório, aos tipos de cadeiras (aliás proposta de Anísio Teixeira) e à padronagem moderna da grande cortina na frente do palco. Interessava-se Gilberto Freyre pela harmonia dos elementos, que iriam compor e completar o Auditório, ao qual ele daria o nome significativo de Roquette Pinto, numa homenagem ao grande brasileiro.

Assim, reexaminando estes fatos, ocorridos na trajetória de personalíssima atuação de Gilberto Freyre, à frente do CRPE do Recife, é possível detectar as grandes linhas da sua contribuição, mais como orientador do que como diretor da entidade do INEP, no Recife, sempre evitando os percalços da burocracia.

Todavia, não se esgota, é claro, este comentário no tocante, apenas, aos tópicos mencionados, aqui, pois o mais importante, duradouro e significativo, no plano socioeducacional, em nível científico, foi a contribuição pessoal de Gilberto Freyre para criar condições de elaboração e de execução de pesquisas sociais, em um órgão federal, ligado ao MEC, e que, por objetivos específicos, iria modificar velhos hábitos vigentes na região, sobretudo através de propostas inovadoras em matéria de pesquisa social e de elaboração de uma política educacional para o Brasil, notadamente para o Nordeste.

O prestígio pessoal do sociólogo e do antropólogo pernambucano, baseado na criatividade de sua obra germinal, em *Casa-Grande & Senzala*, principalmente, e em *Sobrados e Mucambos* deu nome, força e projeção ao novo Centro do Recife. O Centro do Recife, comentava-se no CBPE, no Rio de Janeiro, era muito independente!

Para o Nordeste, o Centro foi o órgão propulsor de pesquisas originais, tanto no campo da sociologia, antropologia e educação, como no estabelecimento de uma linha de atuação interdisciplinar, que uniria os estudos de região e educação, de forma ousadamente inovadora.

A série de *Cadernos Região e Educação*, que Gilberto Freyre iniciou, no CRPE em publicação periódica semestral, com o seu grande colaborador Carlos Frederico Maciel, incansável pesquisador de temas e problemas de educação, foi uma das mais notáveis realizações do antigo CRPE, tendo atingido público das Universidades do Nordeste e de outras regiões do Brasil.

A idéia principal que presidia os estudos e pesquisas (conforme o título do periódico exprimia) configurava uma proposta metodológica de relacionamento de áreas das ciências sociais, unindo freqüentemente estudos, análises, interpretações de educação, antropologia, sociologia, economia, com o necessário aporte da estatística.

Os chamados *Cadernos Região e Educação* cobriram um grande elenco de temas e questões do Nordeste brasileiro, tendo atingido o nº 27, que encerrou a série, com a extinção dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais (inclusive o do Recife que, naquela época, se chamava do "Nordeste") em 1975, por força de um decreto federal, nº 75.754.

GILBERTO FREYRE E OS COLÓQUIOS DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS

A proposta de Gilberto Freyre, como cientista social de grandes antecipações, de serem promovidos, no Brasil, Colóquios de Estudos Teuto-Brasileiros

concretizou-se, inicialmente, na realização do I Colóquio, em 1963, em Porto Alegre, razão pela qual o sociólogo pernambucano foi chamado, pelo então Adido Cultural da Alemanha, Franz Keil, de "pai espiritual do I Colóquio".

Observe-se, hoje, quase decorrido um quarto de século, como foi aguda e construtiva a percepção de Gilberto Freyre, numa tentativa de reunir cientistas sociais e especialistas em outras áreas científicas e culturais, objetivando o estudo e a pesquisa sobre relações no passado (e atuais) entre grupos alemães e a sociedade brasileira.

A idéia matriz dos Colóquios era, na realidade, uma busca de aprofundamento de estudos já existentes, em parte, mas que necessitariam de outras contribuições de sociólogos, antropólogos, historiadores, economistas, lingüistas, pedagogos e cientistas políticos sobre as influências de culturas e trocas de experiências educacionais e culturais entre alemães e brasileiros.

A proposta de Gilberto Freyre, que mereceu o apoio de cientistas sociais da Alemanha, especialmente da Universidade de Münster, atingiu, inicialmente, o Rio Grande do Sul, estado onde a emigração alemã teve forte contingente de colonos e produziu repercussões consideráveis no sistema de vida, profissão e educação, como foi destacado pelos conferencistas participantes do evento.

Decorridos cinco anos, em 1968, o prestígio científico de Gilberto Freyre, então diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, conduziria os entendimentos e providências práticas em nível institucional, brasileiro e alemão, a uma promoção internacional de grande êxito, que foi a realização, no CRPE do Recife do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros.

O evento trouxe, a Pernambuco, os mais destacados especialistas e pesquisadores alemães das Ciências Sociais, como Helmut Schelsky, Hanns — Albert Steger, Achim Schrader (da Universidade de Münster), além de outros especialistas brasileiros, que apresentaram comunicações e conferências, publicadas em um volume editado com o apoio financeiro da Universidade Federal de Pernambuco.²

A leitura dos textos do mencionado volume evidencia a importância de que se revestiu o aludido II Colóquio, que, na opinião dos observadores, na época, alcançou os seus objetivos principais, de estudo e intercâmbio, pelas significativas conferências e discussões de quase meia centena de especialistas reunidos no Auditório Roquette Pinto do CRPE do Recife, efetivando-se a divisão dos trabalhos em três grupos inter-relacionados de Ciências Sociais, História e Literatura.

A Gilberto Freyre e Helmut Schelsky coube a dupla presidência, brasileira e alemã, do Colóquio, numa atuação conjunta de mútuas responsabilidades no plano científico, adotando-se a perspectiva interdisciplinar, que constituía uma das modalidades da sistemática de trabalho intelectual do sociólogo pernambucano.

É interessante observar, a respeito dessa interdisciplinaridade proposta e praticada por Gilberto Freyre que, em uma das suas notáveis conferências publicadas no volume do II Colóquio, fez questão de colocar, em nota de rodapé, um título então novo, para ele, Gilberto Freyre, que era o de "Diretor do Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco". Era, então, o nascente Seminário de Tropicologia o local adequado, onde Gilberto Freyre iria exercer

a sua liderança intelectual (além do seu papel de criador do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais), disseminando, em seminários e colóquios, as propostas metodológicas de trabalho interdisciplinar.

A imprensa local do Recife, sobretudo através do *Diário de Pernambuco* e noticiário efêmero das emissoras de rádio deram, em abril de 1968, uma significativa cobertura ao evento científico e cultural do II Colóquio, tendo destacado, como nunca, em sua breve história (de 1957 a 1975), o Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, que alcançou notoriedade nacional graças à audaciosa promoção internacional realizada.

Recentemente, tive oportunidade de atualizar referências que eu guardava, como participante do I Colóquio, ao consultar jornais de 1968, no setor de microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco e verifiquei, relendo o noticiário, como o Recife foi distinguido pela realização daquele Colóquio.

Passados quase vinte anos, é possível analisar, imparcialmente, como foi importante o II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, que Gilberto Freyre e Helmut Schelsky conduziram, com idoneidade e profundo senso de colaboração científica, notadamente no campo das Ciências Sociais.

Outro fato significativo a ressaltar, no que concerne à realização dos Colóquios referidos, principalmente o do Recife, foi a proposta que, em grande parte, animou o intercâmbio entre o Brasil e a Alemanha, mediante a troca de experiências em estudos e pesquisas sociais, situando, na prática, o CRPE do Recife e o Instituto de Pesquisas Sociais da austera e multissecular Universidade de Münster como extremos de uma ponte, ligando o campo científico e o cultural, para análise de problemas sociais de comum interesse para os dois países.

Muito audacioso e até utópico foi, sem dúvida, o projeto de unir o Recife (notadamente através da ação científica do sociólogo pernambucano, Gilberto Freyre), à novíssima, ainda em processo de gênese interna, Universidade de Bielefeld, que, à época, constituía um sonho/projeto do renomado mestre de Münster, Helmut Schelsky.

A dinâmica dos fatos posteriores e as profundas mudanças ocorridas no espírito e na forma da vida universitária alemã, sem excluir, evidentemente, a alteração de rumos e de perspectivas na própria Universidade de Bielefeld, inclusive no que concerne ao projeto político de que se revestiu, foram alguns dos ingredientes que modificaram a substância do projeto, de ligar o Recife a Bielefeld.

Como utopia, talvez tenha servido de alvo aberto à curiosidade intelectual de pesquisadores "seniores" e, também, principiantes, que se entusiasmavam, mesmo temporariamente, por aquele tipo novo de intercâmbio e de revitalização de estudos, interdisciplinares em nível internacional. Diga-se de passagem, sem medo de ferir brios de pernambucanos, que, a estes, a proposta era muito mais aliciante do que aos alemães, acostumados, em suas Universidades cosmopolitas, a outros tantos tipos, assemelhados, de intercâmbio científico e cultural com países do Terceiro Mundo.

Esta constatação não é melancólica, nem negativa. Ela, apenas, informa, ao leitor, como, às vezes, projetos racionais e bem articulados podem sofrer impactos de injunções políticas e de rápidas mudanças sociais e administrativas, que modificam o curso e o rumo original dos fatos.

Seja como for, decorridos quase vinte anos da realização do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, no CRPE do Recife (com o apoio da Universidade Federal de Pernambuco e do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais), percebe-se o *élan* verdadeiramente criativo e audacioso com que Gilberto Freyre, no Recife — uma região cheia de problemas sociais e econômicos e de falta de recursos financeiros — teve a coragem de realizar uma promoção de alto nível, como foi o II Colóquio, de 1968.

A reflexão final que me ocorre, hoje, neste artigo, a respeito da significação do II Colóquio Teuto-Brasileiro leva-me a concluir que o papel do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, naquela época, foi de grande importância na difusão das Ciências Sociais, no Nordeste brasileiro. Representou uma conquista de espaço, para o Nordeste — sediando, na cidade do Recife, o Colóquio de 1968 — e, também, uma afirmação de capacidade de organização do CRPE do Recife, destacando-se a grande dedicação do então jovem pesquisador Tarcízio do Rego Quirino, que, naquela fase de sua vida profissional, havia chegado do seu Mestrado em Sociologia em Dortmund, na Alemanha.

Indicado por Gilberto Freyre, para conduzir as múltiplas providências administrativas do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, o jovem Tarcízio do Rego Quirino desincumbiu-se das tarefas com eficiência e entusiasmo, ressaltando-se o seu bom relacionamento com alguns dos seus professores alemães, que prestigiaram o Colóquio.

Daí a grande satisfação, tantas vezes expressa, por Gilberto Freyre, acerca do êxito que alcançou o II Colóquio, sendo de notar o que representou a vinda, ao Recife, do Prof. Dr. Helmut Schelsky, eminente pesquisador de Münster, que concordou em atender ao convite do Sociólogo Gilberto Freyre.

A propósito, convém transcrever alguns trechos da conferência magna, proferida, no II Colóquio, pelo Prof. Dr. Helmut Schelsky, expressando a sua grande admiração pela obra sociológica e antropológica de Gilberto Freyre.

No dizer de Helmut Schelsky

“Apesar das opiniões científicas divergentes — e cientistas nunca terão a mesma opinião, pois exatamente na diversidade de opiniões consiste a produtividade da ciência — o Professor Dr. Gilberto Freyre foi reconhecido como porta-voz e representante das ciências sociais latino-americanas. O fato de a Universidade de Münster ter-lhe concedido o título de Doutor *honoris causa* para as ciências sociais, serve como sintomática testemunha. Que a entrega do título ao Professor Freyre em Münster foi realizada em sessão plenária da Universidade — um acontecimento único na história pluricentenária da Universidade de Münster — sublinha a importância que a Universidade de Münster ao “ato solene”.

Com tais expressões, bem se pode entender, pelo menos no enfoque de prestígio científico, como a realização do II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros muito deveu à ação pessoal de Gilberto Freyre, que foi o *genius loci*, naquela como em outras promoções do CRPE do Recife.

GILBERTO FREYRE E A ESCOLA EXPERIMENTAL

A grande contribuição de Gilberto Freyre para o campo da educação brasileira ainda não foi suficientemente analisada.

Quando, no início da década de 60, fui trabalhar com Gilberto Freyre, na equipe técnica do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, precisamente na área de educação, não captei, de imediato, (e a falha foi minha, evidentemente) as repercussões da obra sociológica e antropológica de Gilberto Freyre no processo da educação brasileira.

Não percebi o modo como os conceitos que ele empregou, na sua vasta obra científica, iriam atuar no processo de ensino-aprendizagem, não no sentido tradicional e didático, mas em um sentido mais profundo e duradouro, levando a modificações de condutas e de atitudes, sobretudo no que concerne a inter-relações raciais, a questionamentos sobre o valor da cultura popular brasileira e (o que é menos enfatizado entre os estudiosos da obra gilbertiana) à definição de auto-imagem do brasileiro recolocada ou, melhor, colocada em uma posição de altivez perante os conceitos vigentes de depreciação étnica.

No dia-a-dia do convívio com Gilberto Freyre, notadamente no tocante aos problemas que surgiam da experiência escolar que se iniciava, com a criação e o funcionamento da Escola Experimental do CRPE, Gilberto Freyre mostrou-se lucidamente coerente com as posições teóricas (e com as observações pessoais) que fizera, nos seus livros, particularmente no *corpus* de *Casa-Grande & Senzala*, em que defendia, de modo veemente, a miscigenação brasileira, não como uma fatalidade histórica, mas como uma forma saudável de convivência entre raças e de criatividade espontânea do povo.

Sua defesa da miscigenação não se confundia com uma visão paroquial de um problema confinado apenas a uma região (como alguns críticos apressados dizem), mas a uma realidade sociocultural e étnica de um país de dimensões continentais e cuja influência cultural no continente latino-americano se faz sentir, de modo cada vez mais persistente, como se percebe, nos dias atuais.

Lembro, a este respeito, que a ideologia da miscigenação estava perfeitamente ligada aos valores da cultura popular brasileira, não como uma superposição de papéis ou de funções, mas como uma extensão natural de fatos que se articulam e se interpenetram na vida e nas atitudes dos indivíduos e dos grupos.

O seu respeito à minoria étnicas não era uma palavra no papel. Suas atitudes, com relação aos meninos e meninas de cor negra, que freqüentavam a Escola Experimental do CRPE, eram as de um companheiro mais velho que os acolhia com solicitude e carinho.

Os alunos da Escola encontravam no seu amigo, como chamavam, "Dr. Gilberto", aquele que os atendia e os valorizava, diante de professores, de pesquisadores e de visitantes ilustres, aos quais os meninos e meninas podiam dirigir suas várias perguntas, nas entrevistas mais simples e ingênuas. Sem temores de repreensões. Sem cerceamento de liberdade. Com toda a espontaneidade de crianças. E o sociólogo Gilberto Freyre ouvia, com atenção, as perguntas dos pequenos alunos, com todo o seu interesse científico voltado para aquelas mo-

mentâneas expressões da linguagem e da cultura do povo. A deliciosa linguagem do nordestino.

Assim, durante anos e anos, na Escola Experimental, Gilberto Freyre viveu outras experiências, que não as dos seus livros e dos autores de sua preferência, imbuído de um novo espírito de pesquisador do cotidiano.

Mais uma vez, na apreciação da sua obra múltipla, é preciso tempo para avaliar o que, também, fez Gilberto Freyre no campo da educação brasileira.

NOTAS DE REFERÊNCIA

- 1 *Boletim Mensal do Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife*, Ano I, nº 1, nov. 1957, p. 2.
- 2 *II Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros*. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária, 1974.

